



POTLACH DO CAPITAL: A RAZÃO ECONÔMICA EM DAVID HARVEY

João Pedro Provesi dos Santos¹

O professor e geógrafo David Harvey teve sua obra “A loucura da razão econômica” publicada no final de 2018 no Brasil. O britânico é um dos principais teóricos do campo marxista contemporâneo, tendo como área de estudo a análise do funcionamento do capitalismo e suas evoluções ao longo dos anos, em obras como “O neoliberalismo: História e implicações” e “O Novo Imperialismo”. Na obra analisada no corpo do texto, Harvey elabora, a partir de uma recontextualização contemporânea dos três volumes de “O Capital”, funcionamento, aprofundamento, consequências e contradições do modelo neoliberal que gere a economia política internacional no século XXI.

O geógrafo evoca o filósofo Jacques Derrida, que cunhou a expressão “a loucura da razão econômica” diversas vezes ao longo da obra, a partir de uma prática cultural dos povos originários da Colúmbia Britânica. A prática do potlatch, adotada como metáfora central pelos autores, era a de constante abdicação e destruição de posses e propriedades materiais para receberem prestígio social. Harvey argumenta que a ‘loucura’ do capitalismo neoliberal reside na sua compulsão por crescimento infinito, destruindo bases materiais e sociais enquanto se alimenta de abstrações financeiras e espoliação global. Tal razão econômica seria, então, parecida com tal prática.

O objeto de análise demonstra-se vasto à medida que o autor não utiliza de parâmetro apenas os países estudados e descritos nos escritos de Marx, mas utiliza os conceitos ali introduzidos para recontextualizar a análise da razão econômica em todos os campos da economia internacional. Assim, reconstrói os conceitos da obra estudada ponto a ponto, analisando, separadamente, a produção de bens de consumo, as diversas políticas de dívida estabelecidas pelo mundo, suas repercussões até novos fenômenos que vêm sendo observados nas últimas décadas, como a constante aceleração na velocidade da movimentação do capital.

No capítulo introdutório, o autor apresenta como foco central o estudo de “O Capital”, focando-se particularmente na maneira como o valor é conceituado por Marx. Segundo o economista alemão, como o enfoque do detentor dos meios de produção sempre está no mais-valor produzido e não na mercadoria em si, gera-se uma busca constante pelo maior aproveitamento possível da força de trabalho (o que Marx chama de capital variável). Dessa forma, tal força, é despendida a gerar muito acima do que é remunerado para o trabalhador, o que acaba por expandir o capital em posse do dono das máquinas (que o economista alemão chama de capital constante). Logo, a exploração do capital variável para expandir o capital constante se dá nos termos da mais-valia, um dos conceitos mais célebres do autor alemão. Tal novidade de razão de crescimento do capital nesse modelo é, então, utilizada sempre sob uma lógica de expansão exponencial. É o que Harvey chama de “forma espiralada do movimento do capital”, e “fórmula de crescimento eterno”.

O segundo capítulo, “O capital”, serve tanto como recapitulação quanto recontextualização textual dos três volumes da obra de Karl Marx. É discutida a limitação temporal advinda do falecimento do autor e também as eventuais contribuições de Friedrich Engels para a publicação do resto de suas obras. O primeiro volume serve como um aprofundado estudo sobre a produção de valor e mais-valia, complementado pelo segundo, que serve como estudo sobre a circulação desse valor entre diversos setores da economia. O terceiro volume, então, elabora sobre a distribuição do valor tanto entre os próprios capitalistas quanto em suas interações com a classe operária e insere um elemento de crítica à “fórmula trinitária” de expansão do capital na época, que consistia na distribuição de valor entre terras, trabalho e capital. Através dessa esquematização, Marx busca retratar um panorama geral do capital. No entanto, o autor destaca como a autonomização do capital financeiro e rentismo contemporâneo tendem a corromper essa totalidade, subordinando a produção real. Tal crítica é central no levantamento de contradições no restante da obra.

1

Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí | joaoprovesi@hotmail.com

No terceiro capítulo, “O dinheiro como representação do valor”, Harvey segue a exploração da literatura marxista e de economistas contemporâneos a Marx, como Pierre-Joseph Proudhon, sobre como o advento do dinheiro como pagamento serviu, na época da Revolução Industrial, como uma nova alienação que representava o valor de trabalho despendido da classe operária. A nova representação de valor era, além do já mencionado, uma mercadoria por si só com potencial de representar crédito e dívida. Como adendo de Harvey ao conceito, o encerramento do padrão-ouro no século XX e sua substituição pelo capital de juros representou um importante avanço para a lógica de acumulação capitalista. Superando-se a barreira física que o lastro de metais preciosos impunha, criou-se um lastro baseado no sistema em si. A contribuição do dinheiro como moeda abstraída de seu valor físico, no século XIX, toma papel central no aprofundamento da razão capitalista.

Contudo, o autor também insere sua própria conceitualização sobre parte do objeto de estudo no capítulo 4, “Antivalor: a teoria da desvalorização”. No texto, é destacado como o antivalor é, necessariamente, subproduto da atividade econômica no capitalismo internacional. O autor conceitua o termo como, em suma, a perda de valor a ser recuperada futuramente através de juros. Apesar da sua definição tratá-lo como fenômeno natural ao movimento do capital, Harvey destaca como o atual sistema antagoniza tal conceito, buscando comprimi-lo e evitá-lo o máximo possível. Todo gasto público por Estados soberanos é, então, visto como sujeito à coleta prévia de impostos dos contribuintes, e não como investimento em setores estratégicos através de emissão de moeda. O capital deve se compensar antes mesmo do fim de sua atividade produtiva. As medidas para tal, então, são as políticas de dívida pública e a implantação de medidas de austeridade fiscal.

Entre as discussões que Harvey avança além da literatura marxista, o capítulo 5, “Preços sem valor”, discute como, de certa maneira, o capital também se apropria e imputa valor sobre ativos “sem valor”. Assim, é necessária uma atribuição manual de tal, tanto para recursos naturais (o cercamento e privatização das terras), quanto a recursos com quantificação impossível (como habilidades desenvolvidas durante anos trabalhando na profissão). Tal fenômeno gera, para o sociólogo, um cenário onde o dinheiro pode ser retirado de circulação do mercado de bens e injetado num novo mercado, fictício e abstrato, que não produz valor por si só, de especulação. Além do possível estouro de bolhas financeiras e imobiliárias, o autor ainda relaciona o tópico com os próprios dados de usuário que atualmente são comercializados por preços exorbitantes para os mais diversos interesses de pesquisa e desenvolvimento das grandes corporações. Dessa maneira, a subjetividade humana em si é monetizada, com os dados que informam aos algoritmos os desejos dos consumidores tornando-se recursos valiosos.

Em “A questão da tecnologia”, o autor discute como, historicamente, o modo como o capital reorganiza as técnicas de produção que sempre têm como objeto central inalienável adotar o modelo de máxima lucratividade possível. Uma mudança de paradigma acontece, então, quando a própria tecnologia se torna mercadoria. Como os comerciantes e empresários locais não têm os meios de produção das grandes fábricas com tecnologia de ponta, cria-se um incentivo, ou como descreve Harvey, um “fetichismo” nas novas soluções tecnológicas providenciadas pelos grandes agentes do mercado. Harvey recupera uma conclusão de Marx de que a eventual substituição majoritária do trabalho vivo pelo trabalho morto (o que as máquinas produzem, sem valor-trabalho) forma uma contradição na própria visão econômica capitalista. Assim, Harvey encontra um dos maiores desafios na discussão de alternativas para tal sistema – quase todas as soluções tecnológicas concentram-se dentro dele, sem vislumbres de alternativas. Ainda assim, põe-se um alerta de que a visão abstrata de “cidades inteligentes” não resolverá a contradição crescente que tal captura do valor pela automação cria.

Na discussão levantada no sétimo capítulo, “O espaço e o tempo do valor”, Harvey recupera muito do que é abordado no seu livro “Neoliberalismo: história e implicações” e elabora num dos antigos pontos de discussão de Marx: o mercado mundial. A já discutida evolução tecnológica implica, inerentemente, na quebra de barreiras físicas e geográficas para o mercado. Extinto o padrão-ouro, permite-se uma expansão sem precedentes para o capital. A discussão, então, é sobre o novo colonialismo e a acumulação por espoliação que é inerente a um comércio que desconhece barreiras nacionais. Assim, as contradições do novo modelo de capitalismo neoliberal tornam-se ainda mais aprofundadas do que as identificadas nos volumes d’O Capital. O autor traz de exemplo um investimento numa empresa privatizada de saneamento básico na África do Sul. A especulação fluida das ações em tal situação contrasta diretamente com a infraestrutura imóvel e sujeita a danos físicos muito distantes das mesas de negocia-

ção de tais ativos – e, ainda assim, existe uma pressão sobre a empresa para aumentar seu lucro local, afinal os juros são crescentes e exponenciais. Tal condição é alienígena ao modo de produção em si, mas é imposta mesmo assim, numa nova forma de supressão ao antivalor.

No capítulo 8, “A produção de regimes de valor”, o autor utiliza a fundamentação já abordada no terceiro capítulo para progredir a análise de manutenção do valor pelos donos dos meios de produção sobre o cenário recente, desde o fim do século XX. Agora, num cenário onde tais regimes não são mais lastreados apenas pela troca mercantil de mercadorias, sacrifica-se o padrão-ouro para, de certo modo, unificar os diversos regimes de valores regionais em um tipo de regime central. Com a introdução de novos personagens ao panorama internacional (as OIs e seus bancos que realizam empréstimos com dívidas e juros que perduram décadas), as crises financeiras inerentes a tal sistema de produção não são mais estancadas com queima do lastro de ouro e enfoque em exportação, e sim, como coloca o autor “por meio de empréstimos do FMI – à custa de severas medidas de austeridade impostas à população. Hoje, qualquer redução no volume do comércio mundial (...) é mais importante do que nunca” (Harvey, 2018, p. 167-168).

Por meio do último capítulo do livro e seu epílogo, Harvey chega, então, no tópico que dá título à obra e que conecta todos os campos estudados – uma reflexão sobre o estado do funcionamento global das cadeias de produção sobre o regime neoliberal que as rege. Remetendo ainda à Derrida, o autor não atribui ao termo “loucura” uma conotação de julgamento moral ou necessariamente uma proposta de alternativa – não é um desvio patológico, e sim uma expressão de uma razão econômica que subordina a vida ao imperativo da acumulação. Agora, com as contradições esmiuçadas através de análises da obra marxiana, o autor conecta a financeirização global às contradições locais – como a privatização sul-africana, as questões da bolha da dívida chinesa e a austeridade brasileira – numa busca por uma conclusão fora do molde tecnocrático de análise neoliberal. A questão que permanece é se a própria noção de ‘alternativa’ ainda faz sentido em um mundo onde o capital, como um potlatch invertido, celebra sua autodestruição como triunfo.

Em síntese, a obra serve tanto para introdução na crítica ao neoliberalismo na ótica de estudo de economia internacional, e pode auxiliar no aprendizado e discussão das mais diversas áreas do conhecimento. A leitura é breve e bem estruturada, com capítulos bem divididos que podem, por si só, servirem de base para pesquisas em diversas áreas do conhecimento – o autor aborda diversos campos na sua conclusão, como o papel da mídia, o cálculo econômico dos grandes banqueiros e economistas e as discussões políticas que direcionam e guiam a ordem da realidade contemporânea. Harvey termina com uma visão otimista sobre a obra marxista e suas próprias contribuições, muito embora passe boa parte dela enumerando as diversas contradições do sistema estudado, pois crê que a compreensão de tais fatores é justamente o que espera que inspire a humanidade a estudá-los e resolvê-los.

REFERÊNCIA

HARVEY, David. **A Loucura da Razão Econômica: Marx e o Capital no Século XXI**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.